AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

santanna@novanet.com.br

> "Mudanças na maneira de conversar produziram a renascença, o iluminismo, a modernidade e a pós-modernidade"

- SEGUNDA - FEIRA - Alcione Araújo
- TERÇA - FEIRA - Carlos Herculano Lopes
- QUARTA - FEIRA - Fernando Brant
- QUINTA - FEIRA - Frei Betto
- SEXTA - FEIRA - Ziraldo
- SÁBADO - Cyro Siqueira
- DOMINGO - Affonso Romano de Sant'Anna

Da arte de conversar

Dizem que o mineiro é calado. Mas alguns grandes conversadores que conheci vieram de Minas. Quando você está com Fernando Sabino, tem que aproveitar uma brecha para enfiar uma palavra na conversa, senão, só ele fala. Já o Otto Lara Rezende, quando aparecia numa reunião, era outro, ficava todo mundo em torno só para ouvi-lo. Com o Rubem Braga, um quase mineiro, era o inverso. Foi o inventor do diálogo mudo. Não gastava palavra. As pessoas em torno falando, falando e, de repente, ele pontuava a conversa soltando uma palavrinha só, e corrigia o rumo do papo.

Dizem que mineiro ouve muito e fala por parábolas. Estavam aí Alckmim e Tancredo, que não nos deixariam mentir. Deve ser por isto que, aqui, os "causos" viraram gênero literário. Estava eu com essas elucubrações, porque me caiu nas mãos um livro intitulado *Nova Conversa* (Ed. Ediouro), em que oautor Luís César Ebraico se dispõe a relatar experiências sobre o poder da palavra em nossas vidas. Conta centenas de casos, de conversas que ouviu no seu consultório de psicanalista, onde utiliza a estratégia da logoanálise. Ou seja, ele puxa aquele filão que estava em Freud e Breuer, constatando que a fala é um sintoma. As pessoas precisam da palavra. Não apenas para se expressarem, se entender ou se comunicar, mas precisam ouvir certas palavras, como a terra necessita ser adubada. Por isto, uma de suas clientes chegou a dizer "Estou com desejo de palavra", no sentido de que precisava ouvir da mãe uma certa palavra, como se carecesse de um carinho físico ou de uma vitamina determinada.

Diz aquele autor ter-se inspirado num outro livro – *Conversação* (ed. Record), de Theodore Zeldin, no qual leu, por exemplo, essa afirmação: "Foram mudanças na maneira de conversar que produziram a renascença, o iluminismo, a modernidade e a pós-modernidade". É um pensamento instigante. Imaginar que existe uma "história da conversa", que as pessoas conversavam de maneira diferente, em épocas diferentes, sobre os mesmos assuntos. Realmente dois jovens namorados hoje não conversam como Romeu e Julieta conversariam. Na França de Luiz XIV, conversar era uma arte tão importante que a carreira das pessoas na corte dependia da capacidade de dizer frases de efeito e fazer jogos verbais nas cerimônias e recepções.

Por isto, reativando a importância da conversa, aqueles autores dizem que elas podem mudar mais as coisas que as leis. A ditadura baixa leis. A democracia faz acordos. É conversando que a gente se entende. Daí ser importante "aprender a falar do próprio ato de conversar" em todos os níveis, seja político, seja artístico. O escritor, por exemplo, é alguém que carece visceralmente da palavra e fica buscando *le mot juste* – a palavra exata, como o atleta, a sua melhor forma. Já o leitor é, na verdade, um caçador de palavras alheias, das quais se apodera como se fossem suas.

Lá ia eu pensando-escrevendo essas coisas, quando Pixie – minha *yorkshire* – veio falar comigo. Ela fala melhor que muita gente, embora digam os especialistas que o vocabulário de um cão não passe de 200 palavras. E precisa mais? Nesse livro *Nova Conversa*, encontro a historinha da experiência que fizeram com cegonhas. Como se sabe, elas costumam migrar de alguns pontos da Europa para alguns lugares no Norte da África. Pois pegaram os ovos de cegonha de um viveiro e os transportaram para outro viveiro. Queriam saber se os filhotes iam seguir os pais adotivos na hora do vôo migratório. Aí, ocorreu algo surpreendente: "Os filhotes transplantados abandonaram, em pleno vôo, os grupos que os abrigaram e, orientados por alguma insuspeitada bússola interior, foram parar nas regiões africanas específicas, para onde desde séculos se deslocam, no inverno, os grupos a que biologicamente pertenceriam. As coordenadas migratórias de cada filhote estavam geneticamente estabelecidas, operando de forma totalmente independente das influências sócio-culturais do grupo que as acolheu e criou! Definitivamente, animais não precisam de bibliotecas". Não só não precisam de bibliotecas, mas se comunicam perfeitamente sem palavras. De palavras carecemos nós, os humanos, seres imperfeitos na ordem da criação.

DIVULGAÇÃO

Lula Queiroga ficou conhecido como parceiro do pernambucano Lenine

MÚSICA

Lula Queiroga lança o inspirado *Azul Invisível, Vermelho Cruel*

O craque das palavras

ÂNGELA FARIA

O novo CD de Lula Queiroga, *Azul Invisível, Vermelho Cruel*, é um alento para quem anda entediado com a mesmice da MPB. Conhecido como parceiro de Lenine, o pernambucano tem luz própria. Parte dela, aliás, ilumina a obra do amigo famoso. O primeiro CD solo de Lula, *Aboiando a Vaca Mecânica*, ganhou prêmio de revelação da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). *Azul Invisível* atesta o talento do compositor e comprova que ele não é mero satélite do cantor de *Hoje eu quero sair só*.

Ele optou por morar e produzir em Recife, onde comanda uma produtora. Pena, porque sua contundência faz falta aqui, no Sul Maravilha, onde Lula faz raríssimos shows. Mas estão de olho nele: não foi à toa que Zélia Duncan, Pedro Luís e A Parede, Ney Matogrosso, Elba Ramalho garimparam achados em seu repertório. Zélia, aliás, encerra o brilhante show *Eu me Transformo em Outras* com uma canção de Lula, a bela *Felicidade* (Felicidade não precisa de culpa/ Felicidade é o alívio da dor). Craque no maracatu, sambista e roqueiro, ele mistura percussão, eletrônica, pandeiro, synths, potes e lata com vassouras. Tudo se harmoniza no filtro de Lula: rock, rap, maracatu, samba e, sobretudo, versos inspirados.

Enquanto Michael Moore tenta derrotar o homem nas urnas, a canção *Atirador* traz o próprio George W. Bush, em viva voz, declarando guerra ao Iraque. "Atire a primeira/Atire a segunda, yá, yá/ Até descarregar o tambor/ Até apagar a luz de yô, yô/ Até nunca mais", diz uma espécie de crônica da jagunçagem moderna. Seja a das periferias, onde as almas sebosas fora da lei são eliminadas por ditos justiceiros, ou a globalizada pistolagem patrocinada pelo homem mais poderoso do mundo.

Lula Queiroga é cronista de seu mundo: conta a história do casal que explodiu o carro forte e fez chover nota de 100 pela cidade; narra o amor de Carnaval com a moça que estudou para jornalista, em meio à "floresta predial". *Morbidance* ganha versão mais lenta do que a do CD de Pedro Luís e A Parede. A bela canção é quase cinematográfica, ao descrever um sábado de baixo astral, dor de cotovelo e tédio: "Amor, lá se foi a tarde/ nas brechas da persiana/ início de fim de semana/ fobia e lazer/ Morbidance, unha roída,/ poesia dolorida/ a tarde pede à noite/ para escurecer".

Lenine, Arnaldo Antunes, Bráulio Tavares, Pedro Luís, Lirinha são alguns dos companheiros de Lula neste novo CD. Ao cantar a imensidão do mundo em *Discovery*, apela: "Deixa eu aqui plantado no mesmo lugar". Tudo bem, Recife é ótimo. Mas que Lula Queiroga anda fazendo falta nas FMs de todo o Brasil, lá isso faz.